

# PAPEL DO ENFERMEIRO NO CONTROLE E PREVENÇÃO DE INFECÇÕES HOSPITALARES

ÉMILLE BATISTA DE ALMEIDA  
VITÓRIA FERREIRA DA CRUZ  
CAUÃ PARAGUAI BORGES  
LUCIANO SALLES

## Descritores:

Infecções; Doenças; hospitalares.

## Descriptors:

Infections; Illnesses; hospital

## RESUMO

**Introdução:** As infecções adquiridas em ambientes hospitalares continuam sendo um dos principais desafios para os sistemas de saúde globalmente, levando a altas taxas de morbidade e mortalidade, além de gerarem custos significativos. **Objetivo:** O propósito deste trabalho é discutir o tema com a intenção de informar profissionais de saúde, pacientes e a sociedade sobre a prevalência e os riscos relacionados às infecções hospitalares. **Método:** Este estudo consiste em uma revisão da literatura, abordando o assunto para enfatizar que a responsabilidade pelo controle das infecções é uma atribuição fundamental de todos os membros da equipe de saúde. **Resultados:** As infecções relacionadas à assistência em saúde exigem uma abordagem abrangente por parte dos profissionais, especialmente dos enfermeiros, devido à sua alta incidência e às consequências associadas. **Conclusão:** Portanto, a prevenção e o controle de infecções hospitalares não são tarefas exclusivas da Comissão de Controle de Infecções Hospitalares (CCIH) ou dos enfermeiros, mas sim de toda a equipe de saúde.

## ABSTRACT

**Introduction:** Hospital-acquired infections continue to be one of the main challenges faced by health systems worldwide, resulting in high rates of morbidity and mortality, as well as significant costs. **Objective:** The purpose of this work is to discuss the topic with the intention of informing health professionals, patients, and society about the prevalence and risks associated with hospital-acquired infections. **Method:** This study consists of a literature review, addressing the issue to emphasize that the responsibility for infection control is a fundamental duty of all members of the healthcare team. **Results:** Health-related infections require a comprehensive approach from professionals, especially nurses, due to their high incidence and associated consequences. **Conclusion:** Therefore, the prevention and control of hospital-acquired infections are not tasks exclusive to the Hospital Infection Control Committee (HICC) or nurses but rather involve the entire healthcare team.

## Como citar esse artigo:

Almeida EB, Cruz VF, Borges CP, Salles L. Papel do enfermeiro no controle e prevenção de infecções hospitalares. Rev Acad Saúde Educ. 2025, 4(1): 58-69

## INTRODUÇÃO

Infecção hospitalar é aquela que a pessoa adquire depois de já estar internada no hospital, podendo aparecer tanto durante a internação quanto depois do processo de alta. Esse tipo de infecção é visto como um problema sério de saúde pública, e tem contribuído para o aumento das mortes em hospitais. <sup>1</sup>

O Ministério da Saúde explica que a infecção hospitalar é aquela que a pessoa adquire após a internação, aparecendo durante a internação ou até após a alta, desde que esteja ligada à internação ou a procedimentos hospitalares. Também são consideradas infecções hospitalares aquelas que surgem antes de 72 horas após a internação, se estiverem relacionadas a procedimentos diagnósticos ou terapêuticos feitos nesse período. <sup>2</sup>

A Enfermagem tem um papel fundamental no controle de infecções, já que está sempre em contato com os pacientes e realiza atividades de prevenção e segurança em todos os setores. No ambiente hospitalar, a combinação de pouca adesão à desinfecção de materiais e dispositivos invasivos, excesso de trabalho, falta de cuidado dos profissionais de saúde em higienizar as mãos com frequência e a reutilização de EPIs por causa do baixo estoque são fatores que contribuem para a infecção hospitalar<sup>2</sup>. Além disso, os celulares no hospital também são uma fonte importante de contaminação cruzada por bactérias como *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus pyogenes*, já que muitos profissionais não desinfetam seus aparelhos com frequência<sup>1</sup>.

Diante desse desafio, as instituições percebem que precisam de um enfermeiro dedicado e responsável para garantir esse controle<sup>2</sup>. As IRAS (Infecções Relacionadas à Saúde) acontecem em maior recorrência dentro das UTI devido a um proeminente fator de risco: o tempo de estadia dos pacientes na unidade hospitalar, que necessita uma maior complexidade dos serviços e por consequência o retardamento na reabilitação.<sup>3</sup> O maior tempo de permanência do paciente na UTI infere na exposição a bactérias multirresistentes e posterior seleção natural de microrganismos. Associado a isso, obtêm-se a elevação das taxas de morbimortalidade, os custos adicionais ao tratamento, o prolongamento da permanência do paciente no âmbito hospitalar, e o fator qualidade de vida de todos os indivíduos envolvidos no cuidado, sobretudo do paciente e seus familiares<sup>3</sup>.

A questão principal do estudo é que a infecção hospitalar (IH) é um problema de saúde pública que, na maioria das vezes, pode ser prevenido. Isso inclui desde atitudes simples, como lavar as mãos, até intervenções mais complexas. Também envolve ética e responsabilidade profissional, já que os profissionais devem estar atentos às suas ações para manter e recuperar a saúde dos pacientes. <sup>3</sup>

O objetivo deste trabalho é discutir o tema com a intenção de informar profissionais de saúde, pacientes e a sociedade sobre a prevalência e os riscos relacionados às infecções hospitalares.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo informativo que visa aprofundar o conhecimento sobre infecções hospitalares, um tema de grande relevância para a saúde pública contemporânea. As infecções adquiridas em ambientes hospitalares representam um dos desafios mais significativos enfrentados pelos sistemas de saúde em todo o mundo. A coleta de dados para este estudo foi realizada por meio de informações obtidas em plataformas acadêmicas renomadas, como Google Acadêmico e PubMed. Essas fontes foram escolhidas devido à sua credibilidade, bem como ao acesso a artigos científicos atualizados e pertinentes ao tema em questão.

Neste artigo, foram analisados dados referentes aos anos de 2019 a 2024, excluindo-se todos os anos anteriores. Essa escolha se justifica pela necessidade de se focar em informações mais recentes, que refletem o atual contexto das infecções hospitalares e os avanços na compreensão e prevenção dessas condições. Durante o processo de seleção, mais de 106 artigos foram descartados, garantindo que apenas as pesquisas mais relevantes e de maior qualidade fossem incluídas na análise, proporcionando uma base sólida e confiável para o estudo.

Os descritores utilizados para a formação da pesquisa foram: infecções, doenças e hospitalares. Esses termos foram selecionados com o intuito de abranger um espectro amplo de informações sobre as infecções que ocorrem dentro do ambiente hospitalar, permitindo uma compreensão mais aprofundada do tema. A escolha desses descritores também facilita a identificação de padrões e tendências nas infecções hospitalares ao longo dos anos, ajudando a mapear as áreas que requerem maior atenção e intervenção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida com o propósito de fortalecer o conhecimento acerca das infecções hospitalares entre profissionais de saúde, pacientes e a comunidade em geral. O acesso a informações claras, baseadas em evidências científicas, é fundamental para a compreensão da magnitude e dos riscos envolvidos nesses eventos adversos, além de ser uma ferramenta estratégica para sua prevenção.

A educação em saúde assume papel central nesse contexto, não apenas ao sensibilizar

sobre as consequências das infecções nos ambientes hospitalares, mas também ao fomentar a adoção de práticas seguras e eficazes. Ao disseminar orientações sobre medidas de controle, higiene adequada, uso correto de equipamentos de proteção individual (EPIs) e adesão a protocolos de desinfecção, cria-se um ambiente mais seguro para todos os envolvidos no cuidado.

Dessa forma, os resultados apresentados a seguir têm como finalidade evidenciar dados relevantes que possam embasar ações concretas de prevenção e controle de infecções hospitalares. Espera-se que as informações obtidas contribuam não apenas para a qualificação das práticas assistenciais, mas também para o fortalecimento de políticas públicas voltadas à segurança do paciente, promovendo impactos positivos no sistema de saúde.

As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) são caracterizadas por sua natureza multifatorial, estando diretamente associadas a fatores intrínsecos e extrínsecos, como a gravidade da enfermidade, as condições nutricionais do paciente, a complexidade dos procedimentos diagnósticos e terapêuticos, além da duração da internação hospitalar. Essas infecções geram impactos significativos nos âmbitos econômico e social, uma vez que acarretam prolongamento da hospitalização, aumento da morbidade e favorecem a disseminação de microrganismos multirresistentes, entre outros desdobramentos.<sup>4</sup>

Em 2010, um hospital universitário brasileiro realizou um estudo sobre IRAS em unidades de terapia intensiva (UTIs). Dos 1.886 pacientes acompanhados, 246 desenvolveram algum tipo de infecção relacionada à internação, resultando em uma taxa de incidência de 20,3%. As infecções mais prevalentes foram as do trato urinário, seguidas por pneumonia e sepse. Os agentes etiológicos mais frequentemente isolados foram *Candida albicans* e as bactérias *Pseudomonas aeruginosa*, *Acinetobacter baumannii* e *Escherichia coli*, com uma taxa de mortalidade de 39,5%.<sup>5</sup> Em outro estudo, realizado em um hospital de urgência no estado do Piauí, foram analisados 27 pacientes com infecção em UTI, todos submetidos a procedimentos invasivos, como sondagem vesical e cateterismo venoso periférico. A infecção mais comum foi a respiratória, com uma taxa de mortalidade de 50%.<sup>7</sup>

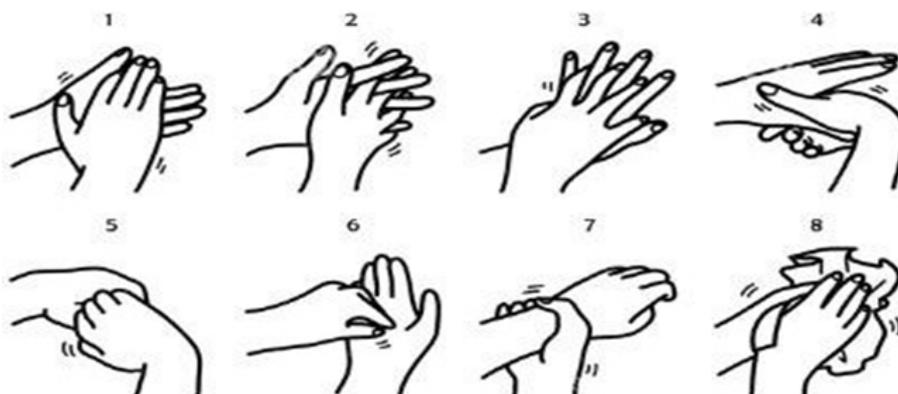
A resistência bacteriana aos antibióticos é atualmente um dos maiores desafios enfrentados pela saúde pública global. Essa resistência decorre da capacidade adaptativa das bactérias frente à exposição prolongada e indiscriminada a antimicrobianos, seja no âmbito hospitalar, na produção animal ou nas práticas agrícolas.<sup>6</sup> Diante dessa realidade e considerando que a maioria das infecções hospitalares pode ser evitada, este estudo tem como objetivo analisar o papel do profissional de enfermagem no controle e na prevenção de

infecções causadas por bactérias multirresistentes. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica com base em fontes atualizadas, com o intuito de contribuir para a promoção de uma assistência mais segura e de qualidade.<sup>7,8</sup>

Em casos de colonização por bactérias multirresistentes, medidas de precaução por contato, como o uso de EPIs, geralmente são eficazes para conter a disseminação. No entanto, essas bactérias podem tornar-se endêmicas nas unidades hospitalares, ressurgindo em pacientes posteriormente, devido à presença de reservatórios ocultos, como outros pacientes, profissionais de saúde e objetos de uso compartilhado, incluindo termômetros, estetoscópios, nebulizadores e umidificadores.<sup>8</sup>

Microrganismos como *Enterobacteriaceae*, *Acinetobacter baumannii* e *Pseudomonas aeruginosa*, resistentes aos carbapenêmicos, representam causas importantes de IRAS e configuram uma ameaça crescente à saúde mundial.<sup>8</sup> com isso, os serviços de saúde vêm adotando protocolos rigorosos para conter a propagação desses agentes, especialmente em situações de infecção ou colonização já confirmadas. Entre as principais medidas estão: precauções de contato, uso adequado de luvas e aventais, higienização rigorosa das mãos, identificação dos leitos, isolamento dos pacientes e individualização de instrumentos de cuidado.<sup>8</sup>

Cavalcante (2021) corrobora que o uso sistemático de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a adesão à higienização das mãos durante o atendimento reduzem de forma significativa a disseminação de infecções relacionadas à assistência, causadas por microrganismos transmitidos por contato direto. O autor também ressalta a importância da educação continuada nas instituições de saúde, especialmente como estratégia eficaz para o uso racional de antibióticos e para a promoção de práticas assépticas. Tais ações colaboram para o cumprimento das normas de biossegurança preconizadas pelo Ministério da Saúde, otimizando a atuação das equipes assistenciais.<sup>9</sup>



**Figura 0.1** Como lavar corretamente as mãos. Fonte: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/565/463><sup>4</sup>

As infecções hospitalares representam um grave problema relacionado aos cuidados de saúde, sendo uma das principais causas de morbidade e mortalidade em ambientes hospitalares. Seus impactos afetam não apenas os pacientes, mas também a comunidade e o sistema público de saúde, gerando prejuízos de ordem clínica, social e econômica. Um dos grandes desafios no controle dessas infecções é a diversidade de formas de transmissão dos microrganismos, que podem ser propagados por meio de insetos, profissionais de saúde, visitantes, sistemas de climatização, equipamentos, superfícies, alimentos, entre outros meios.<sup>7</sup>

A infecção hospitalar (IH) configura-se como um antigo e persistente problema de saúde pública no Brasil e em diversas partes do mundo. Apesar dos avanços científicos e tecnológicos voltados para a prevenção em saúde, as infecções associadas à assistência ainda figuram como uma das principais causas de complicações em pacientes submetidos a procedimentos diagnósticos ou terapêuticos. Em 1990, o termo “infecções hospitalares” foi substituído por “Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde” (IRAS), abrangendo, assim, diferentes ambientes assistenciais, e não apenas os hospitais.<sup>12</sup>

A trajetória das IRAS remonta ao surgimento dos primeiros hospitais, os quais eram utilizados como espaços para isolar doentes, com o intuito de conter a disseminação de doenças, e não propriamente para promover a cura. Naquela época, as condições sanitárias eram precárias e o acesso à assistência médica era restrito às classes sociais mais favorecidas. Com a urbanização e o desenvolvimento do sistema capitalista, o corpo humano passou a ser visto como objeto de trabalho, e o controle das infecções ganhou importância nos sistemas de saúde.<sup>4</sup>

Apesar dos expressivos avanços tecnológicos ao longo das últimas décadas, as infecções hospitalares continuam sendo responsáveis por elevadas taxas de morbidade e mortalidade em todo o mundo. A resistência bacteriana, desde a descoberta da penicilina até os antimicrobianos de última geração, tornou-se um problema crescente, impulsionado pelo uso excessivo, inadequado e prolongado desses medicamentos, o que favorece o surgimento de patógenos altamente resistentes.<sup>4</sup>

A resistência bacteriana representa uma ameaça crescente à saúde pública global. Para seu controle e prevenção, são necessárias ações educativas direcionadas aos profissionais da saúde, promovendo o uso racional dos antimicrobianos e o monitoramento adequado das prescrições. A vigilância contínua das cepas bacterianas em ambientes hospitalares, aliada à correta higienização das mãos e dos equipamentos médicos, é fundamental. Também se faz necessário o controle rigoroso da venda de medicamentos sem

prescrição e o investimento em campanhas de educação para a população sobre os riscos da automedicação. <sup>4</sup>

A principal estratégia no combate às infecções hospitalares continua sendo a prevenção. Medidas básicas, como o uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a correta higienização das mãos e a desinfecção frequente de ambientes e superfícies, são eficazes na redução dos índices de infecção. No entanto, a adesão a essas práticas ainda é limitada, muitas vezes em decorrência da ausência de treinamentos regulares, da falta de incentivo institucional ou mesmo por negligência dos profissionais e das instituições. <sup>4</sup>

A suscetibilidade dos pacientes é um fator determinante para o desenvolvimento das IRAS, exigindo cuidados redobrados quanto à higienização e à assepsia, especialmente diante da presença de bactérias resistentes. A fim de fortalecer o enfrentamento desse cenário, surgiram as Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), que têm como missão orientar e apoiar os profissionais de saúde na adoção de práticas seguras, fomentando a disseminação do conhecimento técnico-científico e contribuindo para a implementação de estratégias eficazes no controle e prevenção das infecções hospitalares. <sup>5</sup>

A prevenção e o controle das infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) tornaram-se temas centrais nas pesquisas e nas práticas clínicas, destacando-se como prioridade para a promoção de um cuidado seguro e de qualidade. Diversos especialistas reforçam que a adesão a protocolos rigorosos e a implementação de medidas preventivas eficazes são essenciais para reduzir a incidência dessas infecções e melhorar os desfechos clínicos dos pacientes. A adesão dos profissionais de enfermagem a essas práticas pode ser influenciada por múltiplos fatores, como o suporte institucional, a qualidade do treinamento recebido e o reconhecimento profissional. <sup>9</sup>

O papel do enfermeiro na prevenção das IRAS está intrinsecamente relacionado à sua capacidade de trabalhar em equipe de forma colaborativa e integrada. A comunicação eficaz e o alinhamento entre os diversos profissionais da equipe multiprofissional são indispensáveis para garantir a aplicação eficiente das estratégias de controle de infecções. <sup>10</sup>

A origem das IRAS remonta à criação dos primeiros hospitais, que tinham como finalidade o isolamento de indivíduos doentes para conter a disseminação de doenças, em vez de oferecer cura. Nesse período, as condições sanitárias eram precárias, e o acesso à assistência à saúde era limitado a parcelas privilegiadas da população. Com o advento da urbanização e a expansão do sistema capitalista, o controle das infecções ganhou relevância, e o corpo humano passou a ser tratado como objeto de intervenção técnica e científica. <sup>5</sup>

Mesmo diante de significativos avanços tecnológicos e científicos, as infecções

hospitalares persistem como um grave problema de saúde pública, mantendo elevadas taxas de morbidade e mortalidade em todo o mundo. A resistência bacteriana tornou-se um desafio crescente, intensificada pelo uso indiscriminado, prolongado e incorreto de antimicrobianos, o que favorece o surgimento de patógenos cada vez mais resistentes. <sup>5</sup>

Para conter e prevenir esse cenário, torna-se imprescindível o desenvolvimento de ações educativas voltadas aos profissionais de saúde, com foco na promoção do uso racional de antibióticos e no monitoramento criterioso das prescrições. Além disso, é fundamental manter vigilância contínua sobre as cepas bacterianas nos ambientes hospitalares, assegurar a higienização adequada das mãos e dos equipamentos e controlar rigorosamente a venda de medicamentos sem prescrição médica. A educação da população sobre os riscos da automedicação também se mostra essencial nesse contexto. <sup>5</sup>

A principal estratégia no combate às IRAS é, sem dúvida, a prevenção. Práticas simples, como o uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a lavagem correta das mãos e a desinfecção sistemática de superfícies e ambientes hospitalares, têm o potencial de reduzir consideravelmente os índices de infecção. No entanto, a adesão a essas medidas ainda é limitada, muitas vezes em decorrência da falta de capacitação contínua, da ausência de incentivos institucionais ou da negligência dos próprios profissionais e gestores. <sup>5</sup>A susceptibilidade dos pacientes representa um fator de risco adicional para o desenvolvimento das IRAS, reforçando a necessidade de rigorosas medidas de controle da transmissão cruzada. Nesse cenário, as Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) surgem como instâncias fundamentais para articular ações estratégicas, promover o compartilhamento de conhecimentos e desenvolver soluções eficazes que contribuam para a segurança do paciente e a excelência do cuidado em saúde. <sup>5</sup>

**Tabela 0-1** Dez práticas que podem diminuir os riscos de infecção hospitalar

1	Lavar as mãos com água e sabão (de preferência) ou higienizá-las com álcool-gel antes do procedimento;
2	Usar luvas, aventais e máscaras durante os procedimentos que envolvam contato com material biológico;
3	Não utilizar aventais ou jalecos fora do hospital;
4	Esterilizar corretamente instrumentos (como os de vídeo) e locais de cirurgia, quartos e qualquer material utilizado que não seja descartável;
5	Não utilizar o mesmo pano de chão em diferentes locais;
6	Evitar a superlotação, que coloca pacientes infectados em contato direto com não infectados;
7	Trocar constantemente a roupa de cama e dar banho em pacientes sempre que necessário;
8	Ministrar antibióticos apenas quando estritamente necessário;
9	Manejar e armazenar corretamente o lixo hospitalar;
10	Registrar e reportar casos de infecção, assim como procedimentos que não seguiram o protocolo e que podem resultar em contaminação.

Fonte: Prateano (2011).

Assim, o enfermeiro desempenha um papel essencial no combate às IRAS, pois pode integrar a CCIH e supervisionar toda a equipe de enfermagem. Ele é responsável por capacitar os colegas na adoção de práticas seguras de prevenção, sempre com o objetivo de garantir a segurança do paciente. <sup>6</sup>

A Enfermagem desempenha um papel fundamental no controle de infecções, já que está em contato direto com os pacientes e realiza atividades preventivas e de segurança em diversos setores do hospital. Além disso, os enfermeiros também participam da capacitação dos profissionais de saúde e contribuem para a formação acadêmica, oferecendo uma colaboração valiosa à Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH)<sup>13</sup>.

Essa atuação próxima e ativa é essencial para garantir um ambiente seguro e saudável para todos. Para que o trabalho seja desempenhado com a competência, agilidade e responsabilidade que a função requer, os profissionais de enfermagem seguem protocolos de atendimento gerenciados, procedimentos e rotinas bem descritos, o que garante a qualidade do trabalho assistencial e propicia um ambiente seguro para o profissional e para o paciente. Aproximadamente 5% dos pacientes que são admitidos em hospitais gerais acabam contraindo alguma infecção durante a internação, especialmente em países desenvolvidos. No Brasil, embora não existam estatísticas nacionais precisas sobre o problema, acredita-se que entre 6,5% e 15% dos pacientes internados adquiram uma ou mais infecções. Além disso, estima-se que entre 50.000 e 100.000 óbitos anuais estejam relacionados a essas infecções<sup>14</sup>.

Considerando-se o importante papel do enfermeiro e de sua equipe para prevenção e controle da IRAS, o presente estudo tem por objetivo descrever o papel do enfermeiro nas medidas de prevenção das infecções relacionadas à assistência à saúde em Unidades de Terapia Intensiva.

O Ministério da Saúde por meio da Portaria nº 2.616/98 dispõe sobre a obrigatoriedade dos hospitais em manter programas de controle de infecções hospitalares. O Programa de Controle de Infecções Hospitalares (PCIH) consiste em um conjunto de ações que visa reduzir o máximo possível à incidência e gravidade das infecções hospitalares. E para execução do PCIH, tais instituições devem formar uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), instrumento de assessoria à autoridade máxima da instituição e de execução das ações de controle de infecção hospitalar. <sup>12</sup>

Este estudo evidenciou a relevância da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e do papel estratégico da enfermagem na promoção da segurança do paciente nas instituições de saúde. A atuação da CCIH tem se mostrado essencial na implementação de medidas eficazes para a prevenção e controle das infecções hospitalares, ressaltando a

necessidade de ações planejadas e contínuas nos próximos anos, com o intuito de reduzir a incidência dessas infecções e melhorar os desfechos clínicos.

Os enfermeiros, por estarem em contato direto e contínuo com os pacientes, suas famílias e a equipe multidisciplinar, ocupam posição de destaque na linha de frente da prevenção. No entanto, enfrentam diversos desafios, como a sobrecarga de trabalho, a ausência de engajamento por parte de alguns colegas, a insuficiência de treinamentos específicos e a desvalorização profissional, fatores que podem comprometer a qualidade da assistência prestada.

Nesse contexto, é imprescindível que os profissionais de enfermagem avaliem continuamente as práticas preventivas em vigor, promovendo a atualização e a melhoria constante dos protocolos. A prevenção deve ser compreendida como uma responsabilidade coletiva, que requer o comprometimento de todos os membros da equipe multiprofissional.

Entre as principais estratégias preventivas destacam-se a correta higienização das mãos, o uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a desinfecção sistemática de ambientes e equipamentos. Apesar de sua eficácia comprovada, a adesão a essas práticas ainda é limitada, muitas vezes em decorrência da ausência de incentivo institucional e de políticas de educação permanente.

A capacitação contínua dos profissionais e o fortalecimento da cultura de segurança são fundamentais para garantir a eficácia das medidas preventivas. Investimentos em programas de formação que envolvam gestores e profissionais de todas as áreas são imprescindíveis para o fortalecimento de uma cultura organizacional voltada à segurança do paciente.

Além disso, a padronização das práticas de prevenção deve ser priorizada nas instituições hospitalares, superando resistências a mudanças que, por vezes, ainda são observadas. A integração da equipe de saúde e a uniformização dos protocolos contribuem significativamente para a qualidade e segurança da assistência prestada.

## CONCLUSÃO

A prevenção e o controle das infecções hospitalares constituem um compromisso coletivo e indispensável para garantir a segurança e a qualidade da assistência em saúde. Embora a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e os profissionais de enfermagem tenham papel central nesse processo, é imprescindível que toda a equipe multiprofissional esteja engajada na adoção de práticas preventivas e no cumprimento rigoroso dos protocolos de biossegurança.

A construção de ambientes hospitalares seguros depende da consolidação de uma cultura organizacional voltada à prevenção, do investimento contínuo na capacitação dos profissionais e do fortalecimento do trabalho colaborativo entre os diferentes setores da instituição.

Somente por meio da integração de esforços, da valorização das equipes e da implementação de estratégias baseadas em evidências será possível reduzir efetivamente as taxas de infecção, promover o bem-estar dos pacientes e fortalecer o sistema de saúde de forma sustentável.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Noguera C, Gomes R, Célia D. Prevention and control of hospital infection [Internet]. 2023 [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/41628/33778>
- [2] Junior A, Silva S, Santos P. Atuação do enfermeiro no controle de infecção hospitalar e segurança do paciente [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://www.revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1592/1837>
- [3] Correa E, Sousa M, Ferreira D. The official journal of the Human Exposome and Infectious Diseases Network [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/4251/pdf>
- [4] Silva J, Gomes R, Sousa M. A importância do controle das infecções hospitalares para minimizar a resistência bacteriana [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/565/463>
- [5] Anelvira L, Keli A. Ações de prevenção e controle de infecção em hospitais [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/11804>
- [6] Mello A, Oliveira C. Infecções hospitalares por *Candida sp.* em pacientes internados em UTI [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://www.herrero.com.br/files/revista/file35803e112dbeb206f24c0d03ad1b200b.pdf>
- [7] Cavalcante P, Silva M, Almeida J. Infecções hospitalares associadas à bacilos gram-negativos não fermentadores em unidade de terapia intensiva: revisão narrativa [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6685/4267>
- [8] Souza C, Lima A, Rocha P. Atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar por bactérias multirresistentes: uma revisão bibliográfica [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/550/583>
- [9] Martins L, Gomes R, Silva D. Explorando os fatores motivacionais na implementação de boas práticas para controle de infecções: uma revisão crítica [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://editora.editoraomnisscientia.com.br/artigoPDF/24208083394.pdf>
- [10] Prateano E. Revisão medidas de prevenção à infecção hospitalar em unidades de terapia intensiva [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/113084354/pdf-libre.pdf?1712425374=&response-content-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/113084354/pdf-libre.pdf?1712425374=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMedidas_de_prevencao_a_infeccao_hospital.pdf)
- [11] Dias L, Calvi A, Siqueira DDS, Borghetti MM. O papel do enfermeiro frente às ações de prevenção e controle de infecção hospitalar em unidade de terapia intensiva adulto: uma revisão integrativa [Internet]. 2023 [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/revistadesaudedomalberto/article/download/811/733>
- [12] Prateano E. Revisão medidas de prevenção à infecção hospitalar em unidades de terapia intensiva [Internet]. [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/113084354/pdf-libre.pdf?1712425374=&response-content-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/113084354/pdf-libre.pdf?1712425374=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMedidas_de_prevencao_a_infeccao_hospital.pdf)
- [13] Costa A, Steffen G, Pinheiro JM, Cargnin MCS. A enfermagem na prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde. Rev Esp Ciênc Saúde. 2021;9(2):37-52. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/saude/article/view/442>

[14] Ministério da Saúde (BR), Fundep – Universidade Federal de Minas Gerais. Controle de infecções hospitalares – higiene e cuidado evitam problemas [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; [data desconhecida] [citado em [colocar data de acesso]]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/infeccao\\_hospitalar.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/infeccao_hospitalar.pdf)